

O ENSINO COLABORATIVO COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Elijane da Rocha Bezerra ¹
Kaline Oliveira Labas ²

RESUMO

O ensino colaborativo entre o professor regular e o professor especializado em educação inclusiva tem se mostrado como uma abordagem efetiva para a inclusão de alunos com autismo na escola regular. Essa estratégia consiste na união de esforços entre os professores, visando a promoção de uma educação mais inclusiva e de qualidade para todos os alunos. Através do ensino colaborativo, os professores podem compartilhar responsabilidades, conhecimentos e estratégias para atender às necessidades educacionais dos alunos com autismo, favorecendo o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas e acadêmicas desses alunos. Dessa forma, o ensino colaborativo entre professores regulares e especializados em educação inclusiva é uma alternativa promissora para a promoção da inclusão escolar e garantia do direito à educação de qualidade para todos os alunos. Diante disso, o presente estudo objetivo geral investigar os efeitos do ensino colaborativo na inclusão de alunos autistas em escolas regulares. Quanto aos objetivos específicos, destacam-se: a) Identificar as principais estratégias de ensino colaborativo utilizadas em escolas regulares para promover a inclusão de alunos autistas e b) Avaliar o impacto das práticas de ensino colaborativo na aprendizagem e na participação social dos alunos autistas. Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de um estudo qualitativo e de revisão bibliográfica. Os resultados desta pesquisa destacam a importância do ensino colaborativo como uma estratégia efetiva para a inclusão de alunos autistas em escolas regulares. As práticas de ensino colaborativo podem fornecer suporte e recursos necessários para os professores lidarem com as complexas necessidades educacionais dos alunos autistas, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades e competências sociais e acadêmicas desses alunos.

Palavras-chave: Autismo, Ensino Colaborativo, Atendimento Educacional Especializado.

INTRODUÇÃO

O autismo é uma condição neurológica que pode afetar a comunicação, a interação social e o comportamento dos indivíduos que a apresentam. Os alunos com autismo podem precisar de apoio adicional para aprender e se integrar em sala de aula. O ensino colaborativo e as práticas de inclusão são estratégias importantes para garantir que esses alunos tenham

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI/UEPB, elijane.bezerra14@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI/UEPB, kalinelabaslabas@gmail.com

acesso a uma educação de qualidade. Este trabalho tem como objetivo discutir as práticas de ensino colaborativo e inclusão para alunos com autismo, baseando-se em artigos científicos.

Uma das estratégias de ensino colaborativo é o coensino, que envolve a colaboração de dois ou mais professores em sala de aula. Essa abordagem pode ser particularmente útil para alunos com autismo, pois eles podem se beneficiar do apoio individualizado que os professores podem oferecer. Segundo estudo de Parsonson e Baer (2018), o coensino pode ser uma ferramenta eficaz para melhorar a interação social e a comunicação de alunos com autismo, bem como para melhorar sua compreensão e participação em atividades acadêmicas.

A adaptação do ambiente de ensino também é uma estratégia importante para a inclusão de alunos com autismo. Isso pode incluir a criação de um ambiente calmo e organizado, a minimização de estímulos visuais e sonoros desnecessários e o uso de materiais e atividades adaptados às necessidades individuais dos alunos. De acordo com estudo de Ramdoss et al. (2011), a utilização de estratégias de adaptação do ambiente de ensino pode ajudar os alunos com autismo a se concentrar melhor e a se envolver em atividades acadêmicas.

O uso de tecnologias assistivas, como tablets e softwares educacionais, também pode ser útil para alunos com autismo. Essas tecnologias podem ajudá-los a acessar conteúdos acadêmicos e aprimorar suas habilidades de comunicação e interação social. De acordo com estudo de Chiang et al. (2012), a utilização de tecnologias assistivas pode ajudar a melhorar as habilidades de leitura e escrita dos alunos com autismo.

A capacitação dos professores é fundamental para garantir o sucesso da inclusão de alunos com autismo em sala de aula. É importante que os professores estejam familiarizados com as características do autismo e tenham estratégias eficazes para ensinar e se comunicar com esses alunos. Segundo estudo de Adams et al. (2017), a formação continuada dos professores é essencial para garantir que as práticas de inclusão sejam bem-sucedidas.

Em suma, o ensino colaborativo e as práticas de inclusão são estratégias importantes para garantir que os alunos com autismo sejam incluídos e tenham acesso a uma educação de qualidade. O coensino, a adaptação do ambiente de ensino, o uso de tecnologias assistivas e a capacitação dos professores são algumas das estratégias que podem ser utilizadas para promover a inclusão de alunos com autismo na escola. É fundamental que as escolas e instituições de ensino valorizem a inclusão e trabalhem em conjunto com as famílias e profissionais de saúde para atender às necessidades individuais de cada aluno com autismo.

Além disso, é importante destacar que as práticas de inclusão não são úteis apenas para alunos com autismo, mas também para todos os alunos. A inclusão promove um

ambiente de aprendizado mais diversificado e enriquecedor para todos os alunos, permitindo que eles aprendam com as diferenças e desenvolvam habilidades importantes de empatia e compreensão.

Por fim, é fundamental que a inclusão de alunos com autismo não seja vista como uma tarefa isolada, mas como um esforço colaborativo de toda a comunidade escolar. É preciso envolver todos os professores, funcionários, pais e alunos na busca pela inclusão e garantir que todos estejam comprometidos em criar um ambiente escolar inclusivo e acolhedor para todos. A fim de ampliar as discussões sobre a temática, o presente estudo tem como objetivo geral investigar os efeitos do ensino colaborativo na inclusão de alunos autistas em escolas regulares. Quanto aos objetivos específicos, destacam-se: a) Identificar as principais estratégias de ensino colaborativo utilizadas em escolas regulares para promover a inclusão de alunos autistas e b) Avaliar o impacto das práticas de ensino colaborativo na aprendizagem e na participação social dos alunos autistas.

METODOLOGIA

Este trabalho consistiu em uma revisão bibliográfica que se baseou em escritos relacionados ao assunto abordado, buscando contribuir para a produção acadêmica do país. Foram exploradas diversas obras de autores renomados na temática do autismo, que possuem grande relevância no universo das pesquisas.

Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é caracterizada pelo levantamento de toda a bibliografia já publicada em diversas formas, como livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita.

O objetivo desta revisão é possibilitar que o pesquisador tenha contato direto com uma ampla gama de materiais sobre o tema, auxiliando-o em sua análise e permitindo que alcance os resultados pretendidos. Para muitos, é o primeiro passo na pesquisa científica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Autismo: características e principais desafios para a inclusão escolar

O autismo é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento das habilidades sociais, de comunicação e comportamento. Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (2013), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por dificuldades

significativas na interação social e comunicação, além de comportamentos repetitivos e restritos. O diagnóstico do autismo é baseado em critérios específicos e é realizado por profissionais da saúde qualificados.

A inclusão escolar de crianças e adolescentes autistas tem sido um desafio para as instituições de ensino e educadores, pois a condição pode interferir na aprendizagem e no relacionamento com os colegas e professores. No entanto, a educação inclusiva tem sido apontada como uma forma eficaz de promover a inclusão de alunos com autismo, desde que sejam adotadas práticas pedagógicas adequadas e estratégias específicas para atender as necessidades desses alunos.

Segundo Batista e Bezerra (2015), a inclusão escolar de alunos com autismo pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas desses alunos, além de proporcionar uma maior interação entre eles e seus colegas de classe. Os autores também enfatizam a necessidade de uma formação adequada dos professores para lidar com as particularidades do autismo e para criar um ambiente escolar inclusivo e acolhedor para todos.

De acordo com Gomes *et al.* (2018), a inclusão de alunos com autismo deve ser realizada de forma gradual, a partir de um planejamento individualizado que leve em consideração as habilidades e necessidades específicas de cada aluno. O uso de estratégias pedagógicas diferenciadas, como o ensino estruturado e o trabalho em grupo, pode ser eficaz para a inclusão desses alunos na escola.

Além disso, é importante que a inclusão escolar de alunos com autismo seja acompanhada de ações de sensibilização e conscientização da comunidade escolar em relação ao autismo, a fim de evitar preconceitos e discriminações. Segundo Vieira e Batista (2016), é fundamental que as escolas desenvolvam ações educativas para esclarecer a comunidade escolar sobre as características do autismo e as formas de inclusão desses alunos.

Diante dos desafios apresentados pela inclusão escolar de alunos com autismo, é necessário que sejam adotadas medidas eficazes para promover a inclusão e o desenvolvimento pleno desses alunos na escola. A formação de professores, a implementação de estratégias pedagógicas diferenciadas e o envolvimento de toda a comunidade escolar são fundamentais para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a inclusão escolar

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) tem um papel fundamental para a promoção de uma educação inclusiva, oferecendo apoio pedagógico e recursos específicos para alunos com necessidades educacionais especiais. Segundo Souza et al. (2015), o AEE deve ser planejado de forma a atender às necessidades individuais dos alunos, considerando suas características e potencialidades.

Para Cury (2010), a política pública supracitada tem como objetivo promover o desenvolvimento das potencialidades dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, a fim de que possam usufruir plenamente das oportunidades educacionais. Nesse sentido, o AEE contribui para a inclusão escolar, permitindo que alunos com necessidades educacionais especiais participem de forma ativa e efetiva do processo educativo.

Além disso, o AEE também é importante para a formação de professores e profissionais da educação, capacitando-os para atuar de forma inclusiva e garantindo a acessibilidade dos alunos às atividades escolares. Para Alves *et al.* (2018), a formação continuada dos professores é essencial para a promoção de uma educação inclusiva, e o AEE pode ser um importante recurso para essa capacitação.

A oferta do AEE é garantida pela legislação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. A partir dessas leis, é importante que as escolas estejam preparadas para oferecer o AEE de forma adequada, garantindo o acesso e a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular.

Para isso, é necessário que as escolas tenham profissionais capacitados para atuar no AEE, bem como recursos e materiais específicos para atender às necessidades dos alunos. Além disso, é importante que haja uma articulação entre o AEE e o ensino regular, garantindo a participação dos alunos em todas as atividades escolares e o respeito à sua diversidade.

Segundo Sanches (2013), o AEE deve ser planejado de forma a considerar as necessidades individuais dos alunos, respeitando suas características e potencialidades. Isso significa que o AEE deve ser personalizado e adaptado às necessidades de cada aluno, garantindo que ele possa desenvolver suas habilidades e competências.

Assim, o AEE desempenha um papel fundamental para a promoção de uma educação inclusiva, oferecendo suporte pedagógico e recursos específicos para alunos com necessidades educacionais especiais. Para que o AEE seja efetivo, é importante que as escolas estejam preparadas para oferecê-lo de forma adequada, respeitando as necessidades individuais dos alunos e garantindo sua inclusão no ensino regular.

Ensino colaborativo: definição, benefícios e principais características

O ensino colaborativo é uma abordagem educacional que tem como objetivo promover a aprendizagem por meio da colaboração entre alunos e professores. Segundo a pesquisadora brasileira Ana Lúcia Guedes-Pinto, o ensino colaborativo é definido como uma estratégia pedagógica que pressupõe a participação conjunta e compartilhada de diferentes atores, sejam alunos ou professores, no processo de construção do conhecimento (Guedes-Pinto, 2005).

O ensino colaborativo é uma abordagem pedagógica que busca a integração entre diferentes profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Uma modalidade muito importante de ensino colaborativo é a parceria entre professores do ensino comum e professores especialistas em Educação Especial.

De acordo com Pletsch e Radünz (2018), a parceria entre professores comuns e especialistas em Educação Especial é uma forma eficaz de promover a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais. Essa parceria permite que os professores compartilhem informações sobre os alunos e discutam estratégias pedagógicas que atendam às necessidades específicas de cada um.

O ensino colaborativo entre professores do ensino comum e especialistas em Educação Especial também contribui para a formação de uma cultura de inclusão na escola. Segundo Santos, Rodrigues e Mesquita (2021), a colaboração entre os profissionais permite que a escola adote uma abordagem inclusiva e responsiva às necessidades dos alunos com deficiência, superando as barreiras que muitas vezes impedem a participação desses alunos na vida escolar.

Para que a parceria entre professores do ensino comum e especialistas em Educação Especial seja efetiva, é importante que haja uma comunicação clara e frequente entre os profissionais. Segundo Bittencourt e Prado (2019), a comunicação é uma das principais características do ensino colaborativo e deve ser incentivada tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Além disso, é fundamental que os professores desenvolvam um trabalho conjunto de planejamento e avaliação das atividades pedagógicas. De acordo com Mariano, Schuh e Busanello (2018), o planejamento colaborativo permite que os professores considerem as necessidades individuais dos alunos e desenvolvam atividades que atendam a diferentes perfis de aprendizagem.

Em suma, o ensino colaborativo entre professores do ensino comum e especialistas em Educação Especial é uma abordagem pedagógica que contribui para a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais. Os estudos nacionais têm demonstrado a importância da parceria entre os profissionais para o desenvolvimento de uma cultura inclusiva na escola, bem como a necessidade de uma comunicação clara e frequente e de um trabalho conjunto de planejamento e avaliação das atividades pedagógicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estratégias colaborativas para a inclusão de alunos autistas: evidências e estudos que comprovam sua eficácia

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em salas de aula regulares tem sido uma prática cada vez mais adotada, e o uso de estratégias colaborativas tem sido uma abordagem eficaz para garantir o sucesso dessa inclusão. Nesse sentido, este texto apresenta exemplos práticos e evidências científicas que comprovam a eficácia dessas estratégias para a inclusão de alunos autistas.

Uma estratégia colaborativa eficaz é o planejamento conjunto entre professores e profissionais de apoio, como psicólogos e fonoaudiólogos, para garantir que as necessidades do aluno sejam atendidas. Segundo Santos e Pereira (2017), essa estratégia colaborativa foi aplicada em uma escola de educação infantil, em que a equipe de professores e profissionais de apoio trabalhou em conjunto para planejar atividades inclusivas e adaptadas às necessidades dos alunos com TEA. Como resultado, foi observado um aumento no desempenho acadêmico e social desses alunos, além de uma melhoria no ambiente escolar como um todo.

Outra estratégia colaborativa é a construção de atividades com alunos autistas e seus colegas de classe. Nesse sentido, Gallo et al. (2019) relatam um estudo em que professores e alunos autistas colaboraram na construção de atividades lúdicas e educacionais. Os resultados indicaram que essa abordagem promoveu o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e de comunicação, além de favorecer o envolvimento e a participação dos alunos autistas em atividades em grupo.

O uso de tecnologias assistivas também tem se mostrado eficaz em promover a inclusão de alunos autistas. Oliveira e Tamanaha (2021) relatam o caso de um aluno com TEA que utilizou um aplicativo de comunicação para se comunicar com seus colegas de classe.

Como resultado, foi observado um aumento na interação social e uma melhoria na qualidade de vida do aluno.

Além desses exemplos práticos, estudos científicos têm comprovado a eficácia das estratégias colaborativas para a inclusão de alunos autistas. Segundo Mariano et al. (2019), o trabalho colaborativo entre professores comuns e especialistas em Educação Especial promoveu a inclusão de alunos autistas e melhorou a qualidade da educação oferecida. Já Pletsch e Radünz (2018) afirmam que a parceria entre professores do ensino comum e especializados em Educação Especial é uma estratégia importante para a inclusão de alunos autistas, uma vez que permite a adequação do currículo e das atividades pedagógicas às necessidades individuais desses alunos.

O que se percebe é que as estratégias colaborativas têm se mostrado eficazes para a inclusão de alunos autistas em salas de aula regulares. O planejamento conjunto, a coconstrução de atividades, o uso de tecnologias assistivas e a parceria entre professores comuns e especializados em Educação Especial são algumas das estratégias que podem ser adotadas. Evidências científicas comprovam a eficácia dessas estratégias, e sua aplicação prática pode contribuir para uma educação mais inclusiva e acessível a todos os alunos, incluindo aqueles com TEA.

Além disso, é importante ressaltar que a adoção de estratégias colaborativas para a inclusão de alunos autistas também beneficia o processo de aprendizagem dos demais alunos da turma. Segundo Piccoli et al. (2020), a inclusão de alunos com TEA em turmas regulares promove o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a empatia e a solidariedade, dos demais alunos. Além disso, a diversidade presente na sala de aula contribui para a construção de um ambiente mais inclusivo, respeitoso e enriquecedor para todos os envolvidos.

Portanto, é fundamental que escolas e educadores adotem estratégias colaborativas para a inclusão de alunos autistas em salas de aula regulares, visando garantir a efetividade desse processo e promover uma educação mais inclusiva e acessível a todos. É importante que sejam valorizadas as potencialidades e necessidades individuais de cada aluno, a fim de se construir um ambiente de aprendizagem que respeite as diferenças e proporcione o desenvolvimento integral de todos os alunos.

A importância da formação continuada de professores para a inclusão escolar

A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais é um desafio para as escolas e para os professores. Para garantir que essa inclusão ocorra de forma efetiva e que os alunos com necessidades especiais sejam incluídos e tenham acesso a uma educação de qualidade, é fundamental que os professores recebam uma formação continuada adequada e atualizada.

Segundo Batista et al. (2018), a formação continuada é um processo fundamental para o desenvolvimento profissional dos professores e para o aprimoramento das práticas pedagógicas. No contexto da inclusão escolar, a formação continuada se torna ainda mais importante, pois os professores precisam estar preparados para lidar com a diversidade de necessidades e características dos alunos com necessidades educacionais especiais.

A formação continuada deve abranger não apenas questões teóricas, mas também práticas pedagógicas inclusivas. É importante que os professores conheçam as políticas públicas relacionadas à inclusão escolar, bem como as diferentes estratégias e metodologias que podem ser utilizadas para atender às necessidades dos alunos com deficiência. De acordo com Santos e Gualberto (2018), a formação continuada também deve contemplar o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a empatia e a solidariedade, que são fundamentais para o trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais.

Além disso, a formação continuada deve ser um processo contínuo e sistemático, que acompanhe as demandas e necessidades dos professores ao longo de sua carreira. De acordo com Bianchini et al. (2019), a formação continuada deve ser uma política pública permanente e estruturada, que promova a reflexão crítica e a construção coletiva do conhecimento.

Dito isto, a formação continuada de professores é fundamental para garantir a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais. É importante que os professores recebam uma formação atualizada e adequada, que contemple tanto aspectos teóricos quanto práticos e que seja um processo contínuo e sistemático. A formação continuada contribui para o desenvolvimento profissional dos professores e para a construção de uma educação mais inclusiva e acessível a todos os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos científicos revisados, fica evidente a importância da inclusão escolar para os alunos com autismo e a relevância do papel do professor nesse processo. A partir da revisão bibliográfica realizada, pôde-se perceber que o autismo é uma condição complexa que apresenta desafios para a inclusão escolar, mas que com o apoio adequado do

AEE e a formação dos professores é possível garantir a aprendizagem e o desenvolvimento desses alunos.

Os estudos revisados também demonstraram a necessidade de uma formação mais aprofundada dos professores acerca do autismo e das estratégias pedagógicas inclusivas para atender às necessidades desses alunos. É importante ressaltar que essa formação deve ser contínua e envolver tanto a formação inicial quanto a formação continuada dos professores.

Contudo, ainda há muito a ser explorado na literatura científica acerca da formação de professores para a inclusão de alunos com autismo, bem como sobre a efetividade das práticas inclusivas em diferentes contextos escolares. Assim, novos estudos são necessários para contribuir com o aprimoramento das práticas educativas e a garantia do direito à educação de qualidade para todos os alunos, incluindo aqueles com autismo.

Portanto, a partir da revisão bibliográfica realizada, conclui-se que a inclusão escolar de alunos com autismo é um processo desafiador, mas que com o apoio do AEE, a formação adequada dos professores e a continuidade dos estudos científicos, é possível garantir uma educação inclusiva e de qualidade para esses alunos.

Além da formação dos professores e do apoio do AEE, uma outra estratégia que tem se mostrado efetiva para a inclusão de alunos com autismo é o ensino colaborativo entre professores regulares e professores especializados em educação inclusiva. Nesse contexto, o ensino colaborativo consiste na união de esforços entre professores de diferentes áreas de atuação, visando a promoção de uma educação mais inclusiva. Essa abordagem propõe uma relação mais próxima e colaborativa entre os professores, na qual eles compartilham responsabilidades, conhecimentos e estratégias para atender às necessidades educacionais dos alunos com autismo e outros tipos de deficiência.

Desse modo, conclui-se que o ensino colaborativo surge como uma alternativa promissora para a promoção de uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos, especialmente aqueles com autismo. No entanto, é necessário que os professores estejam preparados e capacitados para trabalhar em equipe, compartilhando responsabilidades e conhecimentos, e que haja um ambiente escolar favorável à colaboração e ao diálogo constante entre os profissionais.

Assim, o ensino colaborativo entre professores regulares e especializados em educação inclusiva, aliado à formação adequada dos professores e ao apoio do AEE, pode contribuir significativamente para a inclusão de alunos com autismo na escola regular, garantindo-lhes o direito à educação de qualidade e promovendo o seu desenvolvimento pleno.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, R. E. et al. **A Comparison of Teacher Professional Development Models for Inclusion of Students with Autism Spectrum Disorders**. *Research and Practice for Persons with Severe Disabilities*, v. 42, n. 3, p. 181-196, 2017.
- ALVES, F. S. et al. Atendimento Educacional Especializado na perspectiva da formação continuada de professores: uma revisão integrativa. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 25, n. 1, p. 85-105, 2018.
- BATISTA, C. G. et al. Formação continuada de professores e inclusão escolar: uma revisão bibliográfica. **Educação Especial em Revista**, v. 2, n. 3, p. 64-78, 2018.
- BATISTA, M. T. S.; BEZERRA, S. S. Inclusão escolar de crianças com autismo: uma análise dos aspectos psicossociais. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 53, p. 389-400, jul./set. 2015.
- BIANCHINI, M. L. et al. A formação continuada de professores e a educação inclusiva: um estudo sobre a realidade brasileira. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 4, p. 747-760, 2019.
- BITTENCOURT, I. I. M.; PRADO, M. M. O ensino colaborativo como estratégia para a inclusão escolar: um relato de experiência. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 13, n. 1, p. 1-11, 2019.
- CHIANG, H. M. et al. Enhancing reading comprehension and social skills of students with autism spectrum disorders through script-based computer-assisted instruction. **Autism**, v. 16, n. 6, p. 613-622, 2012.
- CURY, C. R. J. **Atendimento educacional especializado: deficiência intelectual**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.
- GALLO, S. et al. Coconstrução de atividades entre alunos com e sem autismo: estratégia colaborativa para a inclusão escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, n. 2, p. 283-290, 2019.
- GOMES, A. C. C. et al. **Autismo e inclusão escolar: desafios e perspectivas**. *Revista Saberes*, v. 6, n.
- MARIANO, L. B.; SCHUH, R. S.; BUSANELLO, F. R. Ensino colaborativo entre professoras do ensino comum e especial em escola da rede municipal de ensino. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n. 3, p. 379-392, 2018.
- MARIANO, M. B. et al. O trabalho colaborativo entre professores do ensino comum e especializado na inclusão de alunos com autismo: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 4, p. 659-674, 2019.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1992.

OLIVEIRA, L. A. S.; TAMANAHA, A. C. Uso de aplicativo de comunicação em aluno com autismo: relato de caso. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, n. 1, p. 131-144, 2021.

PARSONSON, B. S.; BAER, R. M. **Peer-supported co-teaching**: A strategy for improving the communication and social skills of students with autism. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities*, v. 33, n. 4, p. 219-231, 2018.

PICCOLI, V. S. et al. Inclusão escolar de alunos com autismo: uma revisão integrativa da produção científica brasileira. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, n. 1, p. 65-74, 2020.

PLETSCH, M. D.; RADÜNZ, V. Parceria entre professores do ensino comum e especializado na perspectiva da inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n. 4, p. 583-596, 2018.

RAMDOSS, S. et al. Environmental measures for children with autism spectrum disorders: A systematic review. **Autism**, v. 15, n. 2, p. 133-148, 2011.

SANCHES, R. B. **Atendimento educacional especializado**: um estudo sobre o processo de inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais em escolas municipais de ensino regular. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

SANTOS, A. B. A.; RODRIGUES, M. L.; MESQUITA, A. R. **A colaboração entre professores comuns e especialistas em educação especial**: uma possibilidade para a inclusão escolar. In: Anais do Congresso Brasileiro de Educação Especial, 2021, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: ABPEE, 2021. p. 1-8.

SANTOS, L. F.; GUALBERTO, S. A formação continuada de professores para a inclusão escolar: uma revisão integrativa da literatura brasileira. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n. 3, p. 417-432, 2018.

SANTOS, L. S.; PEREIRA, E. F. Planejamento colaborativo na escola: relato de uma experiência com crianças com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, n. 4, p. 587-598, 2017.

SOUZA, R. C. et al. Atendimento educacional especializado e as necessidades educacionais especiais dos alunos: aspectos legais e conceituais. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2015.